ESTADOS UNIDOS

Trump culpa Biden por apagão aéreo

Sem apresentar provas, o presidente republicano responsabiliza o antecessor democrata pelo "sistema velho e quebrado"

No primeiro comentário público sobre a paralisação de voos em aeroportos de todo o país, o presidente norte-americano Donald Trump apontou, ontem, o governo de seu antecessor, o democrata Joe Biden, como responsável pela situação. A proibição de decolagens na sexta-feira foi revogada no mesmo dia, mas provocou cancelamentos e adiamentos de voos, um problema que só deve ser normalizado a partir de hoje. No total, 15 mil aviões comerciais deixaram de decolar — ontem, foram 1,6 mil, além de 3,6 mil atrasos, segundo o site FlightAware.

"Tudo em que eles tocaram deu errado", escreveu o presidente republicano na plataforma Truth Social. "Muito dinheiro foi gasto de forma imprudente, deixando um sistema velho e quebrado, ainda pior do que era quando começaram", acrescentou, sem apresentar evidências da associação de Biden com o caos aéreo. Trump classificou a gestão da aviação do antecessor como "um desastre". O ex-presidente esteve à frente da Casa Branca entre 2021 a 2025.

Apesar da suspeita inicial de ataque hacker ao sistema aeronáutico norte-americano, a paralisação dos voos, estimada em quatro horas, foi causada por uma pane durante a troca de cabos de cobre por fibra óptica em um local não revelado pelo governo. O diretor da Administração Federal de Aviação (FAA), Bryan Bedford, afirmou no sábado que as viagens aéreas para milhões de americanos retidos nos aeroportos voltariam ao normal até o fim de domingo.

Porém, ontem, o secretário de Transportes, Sean Duffy, disse que era preciso mais tempo para que aviões, tripulações e passageiros chegassem aos destinos, após milhares de cancelamentos e atrasos. "No espaço aéreo, veremos as coisas voltando ao normal hoje (domingo), mas provavelmente a situação não estará totalmente normalizada antes de amanhã (hoje)", disse, ao canal ABC News.

Segundo o site da revista *Newsweek*, as principais companhias aéreas norte-americanas encorajaram os passageiros a remarcarem seus voos a partir de hoje. A American Airlines emitiu um alerta sobre excesso de cancelamentos e atrasos em 21 aeroportos, incluindo os de maior fluxo, como os de Nova York, Atlanta, Washington e Los Angeles. A Delta também aconselhou os clientes a trocarem as passagens de domingo para hoje ou mais tarde na semana. Para isso, ofereceu taxa zero de remarcações.

Investigação

As causas exatas da pane nas comunicações com os aviões e nos sinais de radar estão sob investigação. Segundo Duffy, não se sabe se houve falha humana ou se o problema estava no próprio equipamento, instalado pela L3Harris, em uma "instalação remota". A imprensa norte-americana especulou que a origem da interrupção dos serviços aéreos tenha sido alguma localidade no Arkansas ou no Texas. "Seja por um erro do empreiteiro, seja por uma peça de equipamento defeituosa (...), isso começou a saturar outros equipamentos de roteamento em nosso sistema de controle de tráfego aéreo", declarou.

Duffy, que denuncia com frequência a obsolescência das instalações de controle aéreo dos Estados Unidos, voltou a insistir ontem na necessidade de financiar a modernização do sistema. "São necessários US$ 50 bilhões para não voltarmos a ver o que aconteceu na sexta-feira e garantir que os norte-americanos voem em segurança", afirmou, ao canal CBS. Esse valor ultrapassa em US$ 30 bilhões o orçamento enviado ao Congresso.

No sábado, congressistas pediram para averiguar se o país está adequadamente protegido contra falhas futuras dessa magnitude. "Não podemos continuar empurrando o problema para a frente. Se há algo que o dia de hoje (sábado) demonstra é que precisamos atualizar nosso sistema de controle do tráfego aéreo e reconstruir a infraestrutura de nossos aeroportos", escreveu o senador republicano Eric Schmitt no X.

Há preocupação de que falhas se repitam na proximidade de um dos mais populares feriados dos Estados Unidos, o Dia de Ação de Graças, celebrado no próximo dia 30. Paralisações totais da malha aérea, porém, são incomuns no país. Antes da pane da semana passada, ocorreram apenas dois episódios: nos atendados terroristas de 11 de setembro de 2001, e em janeiro de 2023, devido a uma falha no sistema da Administração Federal de Aviação (FAA).

AFP



Passageiros tentam embarcar no Aeroporto de Newark, em Nova York: normalização só a partir de hoje

> **Tudo em que eles (democratas) tocaram deu errado"**
>
> ***Donald Trump,***
> *presidente dos EUA*

O PAPA NO PERU

AFP



O pontífice acena aos fiéis em Cusco, penúltima escala da viagem

Leão XIV alerta para o "grito da terra"

Na Amazônia peruana, penúltima escala da maratona de 12 dias pela América do Sul, o papa Leão XIV instou, ontem, os fiéis a ouvirem o "grito da terra" e "dos pobres" diante da exploração que ameaça a região. Em um vigoroso discurso, o pontífice pediu "justiça" para os líderes indígenas assassinados por defenderem seus territórios e denunciou o "abandono" das comunidades nativas por parte do Estado.

"O grito da terra e o grito dos pobres se erguem conjuntamente, desmascarando lógicas de mercado e de exploração que colocam em risco o próprio equilíbrio da criação", asseverou o papa em Pucallpa, cidade em meio às florestas tropicais que se tornou o epicentro do desmatamento no país.

Às margens do caudaloso Rio Ucayali, ele se referiu às "feridas" deixadas pelo "desmatamento indiscriminado, a contaminação das águas" pela mineração "irregular" e pelos derramamentos de petróleo "que não são acidentes fortuitos", assim como à cooptação de jovens pelo narcotráfico.

Leão XIV foi recebido por integrantes de diversas comunidades indígenas, com seus trajes típicos. A temperatura chegou a 36°C, e um caminhão de bombeiros lançava jatos de água para refrescar os fiéis. O Peru perdeu 3,2 milhões de hectares de florestas entre 2001 e 2024, uma área do tamanho da Bélgica, segundo o governo peruano.

O papa iniciou a agenda de ontem em Cusco, cidade localizada a 3.400 metros de altitude nos Andes peruanos. Após a visita a Pucallpa, ele retornou para a capital, Lima, onde comanda, hoje, uma última cerimônia antes de embarcar de volta para o Vaticano.

Em Cusco, na antiga Praça de Armas, com a monumental catedral de pedra como pano de fundo, o chefe da Igreja Católica dirigiu uma oração. Leão XIV ofereceu um sudário para revestir o Senhor dos Tremores, uma imagem que simboliza um Cristo crucificado muito venerado pelos habitantes locais.

Leão XIV retornou, na quarta-feira, ao Peru, onde viveu por quase duas décadas, na etapa final da viagem que incluiu Uruguai e Argentina. A jornada foi iniciada menos de um mês após a cirurgia de retirada de um tumor no pulmão, mas o papa, aos 71 anos, não demonstrou cansaço.

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.BSB@GMAIL.COM

TROFÉUS NA BAGAGEM AO FIM DA TURNÊ

Em especial na conferência ambiental de Antália, na Turquia, o presidente Lula recolheu praticamente tudo o que poderia esperar de uma incursão externa que antecipou a inauguração do quarto mandato. O presidente saiu da COP31 como uma espécie de ídolo internacional da causa do meio ambiente, com direito a aclamação a cada discurso que proferiu. Seguiu rumo ao Oriente para as Filipinas, onde é convidado especial para participar — e, novamente, discursar — na cúpula da Asean, que agrupa 11 países da fervilhante economia do Sudeste Asiático.

Em casa, entrementes, o Congresso em fim de mandato segue discutindo e votando pautas chaves para o próximo. À distância de metade do mundo, o presidente administra os arranjos entre governistas e o sempre poroso Centrão usando a própria imagem externa como parte da moeda de troca. Como poucas vezes, na história contemporânea do país, a projeção internacional do presidente pesa na balança a favor do governo.

Aparentemente, a ideia é manobrar com a desenvoltura possível no mês e meio que resta até o fim do atual mandato — prazo abreviado pelo calendário do Legislativo. Na planilha do Planalto, acoplada à do Itamaraty, a agenda externa é encarada como chance de potencializar os fatores favoráveis na difícil frente externa. Tanto mais na perspectiva de convivência, nos próximos quatro anos, com um Congresso ainda mais inclinado à direita, com peso acrescido na extrema-direita bolsonarista.

Olhos nos olhos

Seguia em aberto, até o fim da noite no horário de Manila, a capital filipina, a possibilidade de algum tipo de encontro entre Lula e Donald Trump. Na partida de Brasília, prevalecia a ideia de que, salvo um encontro breve e fortuito em meio às sessões da Asean, uma reunião bilateral propriamente dita ficaria para o início de dezembro, quando o presidente irá à Flórida para a cúpula do G20.

Agora ou dentro de algumas semanas, o cara a cara será entre um governante vitorioso e reeleito — em circunstâncias marcadamente adversas, em especial após os resultados do primeiro turno — e outro que, sem chances de disputar a reeleição, amarga uma derrota acachapante nas eleições legislativas de meio de mandato.

Lula vai à Flórida, em dezembro, em meio à montagem do ministério para os próximos quatro anos, os últimos à frente do Planalto. Trump também se despede da Casa Branca, mas com o horizonte de dois anos na condição que o jargão político dos EUA consagra como o "pato manco" — um presidente de saída antecipada, sem capacidade real para governar, relegado a ser servido com café requentado, se tanto.

Intervalo

No breve intervalo entre a incursão pelo Oriente e a primeira investida no Norte como reeleito, o presidente terá à mesa o acompanhamento da crise política aguda no Paraguai, um vizinho de importância estratégica, pelos laços construídos ao longo de dois séculos. O presidente Santiago Peña, um adversário político afinado com a direita trumpista que fez avanços na América do Sul, vem de sofrer impeachment. Está preso e responde a acusações que incluem vínculos com o crime organizado.

Coincidências e divergências políticas à parte, de um ponto de vista de Estado, convém ao Brasil estabilidade no parceiro da Itaipu Binacional. Sem falar na presença de milhares de brasileiros em solo paraguaio: um retorno atabalhoado carrega o potencial de desestabilizar os estados fronteiriços, em especial o Paraná, que a partir de janeiro será governado por Sérgio Moro, adversário figadal do presidente.

Uma fronteira calma está entre os pedidos de fim de ano do governo reeleito em outubro.

A cor do gato

Ainda distante, Lula assinou, com mais duas dezenas de governantes, uma carta aberta endereçada aos demais países-membros da ONU. Nela, os signatários fazem frente única por um latino-americano para suceder o português António Guterres à frente da ONU. Entre os argumentos, o de que a "vez" caberia à região, que teve como último representante no posto o peruano Javier Pérez de Cuéllar, nos anos 1980-1990.

Na costura, chama a atenção a presença de Javier Milei. Pela profissão de fé na extrema-direita, o presidente da Argentina dificilmente faria coro com o colega brasileiro, que de início apoiava a ex-presidente chilena Michelle Bachelet.

Retirada a candidatura da socialista, Milei parece — como Lula — assinar embaixo do ditado pragmático, atribuído à sabedoria chinesa, segundo o qual "tanto faz a cor do gato, se ele caça os ratos".